



## A FIGURAÇÃO DO OUTRO NO CONTO “O REFLEXO PERDIDO” DE HOFFMANN

Ana Carolina Melges Pastorello Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** As reflexões que seguem têm por objetivo propor um estudo acerca do duplo no conto “O Reflexo Perdido”, presente na obra “As aventuras da noite de São Silvestre” (1815) de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann. Segundo Jentsch (apud FREUD, 2006), Hoffman empregou várias vezes em suas narrativas o recurso de deixar o leitor na incerteza de determinada figura na história (ser humano ou autômato), de modo que este leitor não consegue esclarecer esse assunto imediatamente. O conto “O Reflexo Perdido” é apenas uma das muitas obras que abordam o tema do duplo. Edgar Allan Poe, Dostoiévski, Gógol, Oscar Wilde abordaram esse tema, representando-o por um sócia, reflexo, espelho ou retrato. Assim, considera-se significativa a oportunidade de abordar essa rica linha de pesquisa (figuração do outro) dentro desse amplo campo de estudo.

**Palavras-chave:** Figuração do outro; Hoffmann; “O Reflexo Perdido”.

As reflexões que seguem têm por objetivo propor um estudo acerca do duplo (figuração do outro) no conto “O Reflexo Perdido”, presente na obra “As aventuras da noite de São Silvestre” (1815) de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann.

O tema da figuração do outro na literatura não é recente, sendo que este foi abordado nas obras de Chamisso, Hoffmann, Poe, Dostoiévski, Gógol, Wilde; e estudado por diversos autores, como por exemplo, Nicole Bravo, Clément Rosset, Sigmund Freud, Pierre Brunel dentre outros. Destaca-se, entre eles, Otto Rank que abordou o tema do duplo de forma completa. “Ele penetrou nas ligações que o duplo tem com reflexos em espelhos, com sombras, com espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte (...)” (FREUD, 2006, p.252). Ainda segundo Otto Rank, o duplo era uma segurança contra a destruição do ego e a alma imortal pode ser provavelmente considerada como o primeiro duplo do corpo. De acordo com Freud (2006) a idéia do duplo pode desenvolver novos significados durante os estágios posteriores do ego; adquire-se uma função de observar e de criticar o eu, de exercer uma censura dentro da mente.

<sup>1</sup> Estudante da Pós-Graduação (mestrado) em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [pastorello.rocha@gmail.com](mailto:pastorello.rocha@gmail.com)



A maior parte dos estudos realizados no século XX sobre o duplo privilegia o ângulo psicológico, a começar pela interpretação psicanalítica de O. Rank (1914) que relaciona os diferentes aspectos do duplo na literatura com o estudo da personalidade dos autores, com o estudo dos mitos (Narciso) e das tradições mitológicas; os heróis que se desdobram apresentam uma disposição amorosa voltada para o próprio Ego e sofrem de uma incapacidade de amar. Um conflito psíquico cria o duplo, projeção da desordem íntima; o preço a pagar pela libertação é o medo do encontro. (BRAVO, 2000, p. 262-263).

Hoffmann é muito conhecido pelo conto "O Quebra-Nozes e o Rei dos Camundongos" (1816), o qual foi à base do famoso balé "O Quebra-Nozes" (1892) de Tchaikovsky. Entre as histórias criadas por essa mente brilhante, podem-se destacar aquelas que contêm em sua narrativa o tema do duplo, presente na maioria das obras desse autor, entre as quais se destacam "Os elixires do diabo" (1815), "O homem da Areia" (1816), "O coração de pedra" (1817), "A escolha da noiva" (1820), "Princesa Brambilla" (1820).

Ernst Theodor Wilhelm Amadeus Hoffmann nasceu em 1776 e o nome Amadeus foi incorporado ao seu para homenagear Mozart. Segundo Rank (2013), Hoffmann era nervoso, suscetível a instabilidades emocionais, conhecia bem a psiquiatria e a literatura ocultista, sofria delírios, enxergava seu reflexo no espelho como seu duplo e os representava em sua escrita. "Ele realmente via os duplos e assombrações ao seu redor quando os descrevia." (Rank, 2012, p.64). Morreu aos quarenta e sete anos de uma doença nervosa (paralisia). Hoffmann (apud RANK, 2013, p.19) afirma "Eu imagino o meu Eu através de um espelho multiplicador: todas as figuras que se movem ao meu redor são Eus, e eu me irrita com o que fazem ou deixam de fazer."

Bravo (2000) afirma que na obra "As aventuras da noite de São Silvestre" (1815), "o duplo-reflexo simboliza a indestrutibilidade do desejo sensual que impede de reencontrar a honorabilidade burguesa" (BRAVO, 2000, p.269). Freud (2006) afirma que Hoffmann é incomparável quando o tema é o estranho na literatura.

(...) a compreensão da história como um todo sofre, ainda que não a impressão que provoca. Devemo-nos contentar em escolher aqueles temas de estranheza que se destacam mais, ao mesmo tempo em que verificamos se também podem ser facilmente atribuídos a causas infantis. Todos esses



temas dizem respeito ao fenômeno do duplo, que aparece em todas as formas e em todos os graus de desenvolvimento. (FREUD, 2006, p. 252)

Segundo Jentsch (apud Freud, 2006), Hoffman empregou várias vezes em suas narrativas o recurso de deixar o leitor na incerteza de determinada figura na história (ser humano ou autômato), de modo que este leitor não consegue esclarecer esse assunto imediatamente. Cesarotto (1996, p.28) afirma que “O recurso típico da literatura fantástica, de manter a ambiguidade dos acontecimentos ao longo da narrativa para potenciar o mistério, pode ser compensado por uma intelectualização retroativa que esclareça os fenômenos assustadores.”. Percebe-se o uso desse artifício psicológico, que cria um efeito de estranheza, no conto “O Reflexo Perdido”.

As outras formas de perturbação do ego, exploradas por Hoffmann, podem ser facilmente avaliadas pelos mesmos parâmetros do tema do “duplo”. Elas são um retorno a determinadas fases na elevação do sentimento de alta consideração, uma regressão a um período em que o ego não se distinguira ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas. Acredito que esses fatores são em parte responsáveis pela impressão de estranheza, embora não seja fácil isolar e determinar exatamente a sua participação nisso. (RANK, 2013, p. 254).

O conto é dividido em duas partes, em que são narradas duas histórias: a primeira relacionada à Hoffmann; a segunda, à Erasmo Spicker. Infere-se que as histórias, além de entrelaçadas, são também espelhadas. A primeira parte se inicia com o próprio Hoffmann (como personagem) contando seu reencontro com Júlia. É nessa primeira parte que ele conhece Peter Schlemihl (sem sombra) e o General Suwarow (sem reflexo). A personagem Julia seduz, atormenta Hoffmann e deseja seu reflexo. O general o alerta do perigo e vai embora deixando um manuscrito no qual está a sua história. Nesse momento inicia-se a segunda parte do conto, narrando à história de Erasmo Spicker (o General Suwarow), pai e esposo exemplar que é seduzido por Giulietta (a qual aprisiona seu reflexo).

O conto se inicia na véspera de Ano-Novo (São Silvestre). Infere-se que a escolha dessa data na narrativa não se dá ao acaso. Essa data remete a algumas idéias supersticiosas. Segundo Rank (2013), um costume difundido na Áustria e Alemanha diz que “aquele, que,



com o acender da luz, não fizer sombra na parede do quarto ou cuja sombra não tiver cabeça, morrerá em um ano”. (RANK, 2013, p.87)

São muitas as figurações do outro nesse conto. Primeiramente cita-se a relação do duplo entre Teodoro Hoffmann e Erasmo (General Suwarow), sendo que vivenciam uma história semelhante e apresentam comportamentos, por vezes, equivalentes.

Outra figuração do duplo está na ausência do reflexo (Erasmo Spickherr/ General Suwarow) -“Mas o reflexo do general Suwarow nêle não aparecia” (HOFFMANN, 1960, p.142), “não vendo no vidro o reflexo do pai... fugiu, chorando” (HOFFMANN, 1960, p.150) - e na ausência da sombra (Pedro Schlemihl) - “Veja – continuou êle com voz plangente – se sou ou não muito infeliz? Pedro Schlemihl vendeu sua sombra ao diabo; pois bem, eu, eu dei meu reflexo a Giulietta, que nunca mais mo devolverá!”. (HOFFMANN, 1960, p.142)

(...) as denominações das sombras, reflexos e expressões similares, para os povos primitivos, servem também para a concepção de alma, e que a ideia primitiva de alma dos gregos, egípcios e outros povos altamente civilizados coincide com a de um duplo que é exatamente igual ao corpo. (RANK, 2013, p.138)

Infere-se que a sombra e o reflexo representam um duplo invertido, “a sombra não representa o duplo, mas constitui, ao contrário, o seu inverso. A sombra simboliza aqui a materialidade (...)” (ROSSET, 1939, p.87). Ainda segundo Clément Rosset (1939), o espelho é enganador, constitui uma falsa evidência, a ilusão de uma visão: ele mostra um inverso, um outro; não eu.

(...) cujo espelho não reflete nenhuma imagem, nem mesmo invertida, simboliza aqui o destino de qualquer pessoa e de qualquer coisa: não poder provar a sua existência por meio de um desdobramento dela do único, e portanto, só existir problemáticamente. A verdadeira infelicidade, no desdobramento da personalidade, é no fundo jamais poder de fato desdobrar-se: o duplo falta para aquele que o duplo persegue. (ROSSET, 1939, p. 91)

A ausência de sombra (Schlemihl) e de reflexo (Erasmo) remete a uma morte social. Segundo Bravo (2000) “perde assim seu direito à identidade social e torna-se objeto de escândalo.” (BRAVO, 2000, p. 269) Tanto Erasmo quanto Schlemihl perdem a companhia da



família, vagueiam pela noite, frequentam tavernas em busca da sua sombra/reflexo. Ambos os personagens são repudiados pela sociedade. Segundo afirma Santos (2009, p.86), “a perda da sombra acarreta a perda da identidade social e da estabilidade.”. Cita-se, por exemplo, a fala do hospedeiro da Taverna de Thiermann: “– Que o diabo leve todos os fregueses de vossa espécie e Deus permita que nunca mais vos veja” (HOFFMANN, 1960, p.141) e a fala da esposa de Erasmo: “De hoje em diante, não podes mais continuar a ser um respeitável chefe de família: todos te apontarão o dedo”. (HOFFMANN, 1960, p.153)

O conto “O reflexo perdido” inspirou o filme “O estudante de Praga” (1914), de Hans Heinz Ewers, que “trata da história de Balduino, um estudante de Praga que, após ter dilapidado todos os seus bens de forma irresponsável, impensadamente vende, por uma fortuna, para um estranho chamado Scapinelli, a própria imagem refletida num grande espelho em seu quarto”. (SANTOS, 2009, p. 53)

No conto de Hoffmann, o reflexo e a sombra não perseguem seus respectivos “donos”; há apenas a sua ausência (diferente da peça “O estudante de Praga”, onde o reflexo persegue e atormenta). Otto Rank (2013) afirma que a falta do reflexo (seus efeitos catastróficos sobre o amor) remete ao narcisismo, que não consegue amar por escolher sempre a sua própria imagem ao invés do amor.

A forma de defesa contra o narcisismo se manifesta primeiramente de duas maneiras: pelo medo e pela aversão ante a própria imagem no espelho (...) e, mais frequentemente, pela perda da sombra ou da respectiva imagem no espelho. Nesse último caso, entretanto não há perda, mas, ao contrário, um fortalecimento, uma independência, um tornar-se superior, que novamente só prova o excessivo interesse no próprio eu. Assim se explica a aparente contradição de que a perda da sombra ou da imagem no espelho possa ser apresentada como perseguição da mesma, como representação pelo oposto, baseada no regresso do reprimido à repressão. (RANK, 2013, p. 123-124)

Hoffman inspira-se em Adelbert Von Chamisso, em sua obra *A História Maravilhosa de Peter Schlemihl* (estranha aventura de um jovem de nome Peter Schlemihl que vende a sua sombra a um homem diabólico para ganhar riqueza e consideração) ao representar o mesmo personagem (Peter Schlemihl) em seu conto “O Reflexo Perdido”.



Mas você, meu amigo, se deseja viver entre os homens, aprenda em primeiro lugar respeitar a sombra – somente então o dinheiro. Mas se quiser viver apenas para si e para o que há de melhor no seu interior, então não precisa de nenhum conselho (CHAMISSO, 2003, p. 126).

Bravo (2000, p.269) afirma que “o duplo, a sombra, tem um sentido alegórico: torna-se dissociável do corpo como um manto”. Segundo Otto Rank (2013) a catástrofe aqui também é causada pela relação com uma mulher. No caso do conto em questão, Julia/Giulietta. E essa perseguição, feita por essa Circe, perturba a vida do Eu, causando efeitos catastróficos sobre a vida amorosa (relação entre Erasmo e sua amada esposa).

Ao duplo exterior (sombra = imagem social) opõe-se alma = identidade profunda. Schlemihl opõe-se à submissão à sombra. O herói acaba por aceitar sua condição de homem sem sombra, renuncia ao seu falso duplo, guardando sua alma intacta para viver apartado dos homens. Chamisso suscitou toda uma posteridade para sua perda de sombra. (BRAVO, 2000, p.269)

Outra figuração do duplo está nas personagens femininas Julia e Giulietta (que são, na verdade, a mesma). As personagens apresentam muitas semelhanças. São descritas com riqueza de detalhes; ambas retratadas da mesma forma. Por exemplo, as características físicas de Julia - “Suas vestes, de imaculada brancura (...) Suas espáduas e seu pescoço se destacavam (...) seus cabelos, de um negro de ébano, desatavam-se em cachos cambiantes” (Hoffmann, 1960, p.136 e 137) são equivalentes a de Giulietta - “Um vestido branco, que lhe punha a descoberto as espáduas níveas e a garganta magnífica (...). Sua cabeleira perfumada, desnastrada em ondas de ébano.” (HOFFMANN, 1960, p.144)

Essas figuras femininas representam anjo e demônio (aqui também colocado como uma espécie de duplicidade); enfeitiçam com suas palavras e beleza e causam a desgraça na vida dos homens que sucumbem a elas. Citam-se alguns trechos em que essas personagens são descritas: “Sim! – exclamou – é a ti que eu amo, anjo dos céus!”(HOFFMANN, 1960, p.145); “Não beba! Não beba! Essa bela moça que lhe sorri é o diabo em pessoa” (HOFFMANN, 1960, p.143); “Anjo ou demônio – gritou ele – causa da minha desgraça!” (HOFFMANN, 1960, p.152).



Em um determinado trecho do conto, Giulietta é nomeada como Circe, uma famosa feiticeira que, com imenso poder da alquimia, elaborava venenos. Segundo a lenda, costumava a seduzir os homens com seu canto e beleza e, posteriormente, os transformava em animais. “Meu caro Spickherr, eis-te enfeitado pelos filtros de uma nova Circe.” (Hoffmann, 1960, p.146)

Otto Rank afirma que a loucura em decorrência da catástrofe é, no caso de Spickherr e Schlemihl, aludida apenas passageiramente. “Dessas relações, resulta a equivalência entre o reflexo e a sombra, as duas como imagens iguais opondo-se ao Eu, corroborada posteriormente por outros aspectos.” (RANK, 2013, p.22)

Infere-se que a perda do reflexo no conto em estudo não configura um pacto diabólico da venda da alma. Comprova-se tal afirmação por meio da seguinte passagem: Erasmo, já sem reflexo, está prestes a assinar um contrato, com uma pena de ferro e sangue como tinta, quando sua esposa “pronuncia essas palavras em voz sepulcral: - Erasmo! Erasmo! Queres dar tua alma ao diabo?”. Por meio dessa citação verifica-se que Erasmo não perdeu sua alma ao perder seu reflexo. A partir desse momento, Erasmo se põe a caminho na busca de seu reflexo, encontra Peter Schlemihl e os dois se propõem a viajar juntos: um em busca de seu reflexo e o outro, de sua sombra. Segundo Brunel (2000, p.269), “aceitar a perda do duplo-engodo é sair fortalecido da provação”.

Erasmo cria uma relação de temor ao espelho após a perda de seu reflexo. No início do conto, Erasmo (General Suwarow) grita de fora da taverna: “- Não esqueça de cobrir bem o espelho!” (HOFFMANN, 1960, p.139). Ainda na primeira parte do conto, Hoffmann entrega uma brilhante tabaqueira de aço polido a Erasmo (General Suwarow) que cobre o rosto e grita “- Com todos os diabos! Esconda esse maldito espelho!... Sua voz era convulsa e todo o seu corpo tremia.” (Hoffmann, 1960, p.139). Na segunda parte do conto, ele tenta esconder o fato da perda do seu reflexo: “Tomando toda sorte de precauções, conseguiu dissimular a perda de seu reflexo.” (Hoffmann, 1960, p.150)

Outro personagem muito importante no conto é Dapertuto. Uma figura astuta, mefistofélica, sarcástica, que se relaciona à personagem Giulietta e está sempre perseguindo Erasmo. O nome Dapertuto, de origem italiana, significa em todo lugar, em toda parte. Em





determinado momento do conto, Dapertuto pede a Erasmo o cumprimento de uma pequena formalidade: matar sua mulher e seu filho. Em outra parte ele diz: “Toma logo esse frasco e não banque a mulherzinha.” (HOFFMANN, 1960, p.152)

Pode-se também refletir o duplo de Erasmo por outro viés. O seu duplo lhe revela esse outro lado que estava reprimido. No início da segunda parte da história, Erasmo é descrito como marido fiel e bom pai de família “Somente Erasmo, fiel a lembrança de sua esposa legítima, não se arriscava, malgrado seu vinte e sete anos, a nenhuma excursão além do círculo da fé conjugal” (HOFFMANN, 1960, p.144). Após ser seduzido por Giulietta, ocorre uma inversão da personalidade e do caráter de Erasmo, o qual, além de infiel, torna-se agressivo e mata um homem que perseguia Giulietta com seus galanteios.

Erasmo, que se irritava facilmente, ameaçou o italiano de rude correção. Este fez brilhar um punhal. Não podendo mais se conter, Erasmo saltou-lhe a garganta, derrubou-o por terra e assestou-lhe à cabeça um pontapé tão violento que o desgraçado perdeu os sentidos. (HOFFMANN, 1960, p.148)

O conto “O Reflexo Perdido”, aqui brevemente analisado, é apenas uma das muitas obras que abordam o tema do duplo (Edgar Allan Poe, Dostoiévski, Gógol, Oscar Wilde abordaram esse tema, representando-o por um sócia, reflexo, espelho e retrato). Assim, considera-se significativa a oportunidade de abordar essa rica linha de pesquisa (figuração do outro) dentro desse amplo campo de estudo.

### Referências bibliográficas

BRAVO, Nicole Fernandez. *Duplo*. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

CESAROTTO, O. *No olhar do outro*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

CHAMISSO, Adelbert Von. *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*. Tradução Marcos Vinícius Mazzari. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

FREUD, Sigmund. *O estranho*. In: —. *Obras completas*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HOFFMANN, E.T.A. *O reflexo perdido*. Editora Cultrix. São Paulo, 1960.





ANAIS ELETRÔNICOS DO IX Colóquio de Estudos Literários

*Diálogos e Perspectivas*

SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.)

Londrina (PR), 15 e 16 de setembro de 2015.

ISSN: 2446-5488

p. 35-43

SANTOS, Adilson. *Um périplo pelo território do duplo*. Revista Investigações. Vol. 22, nº 1, Janeiro, 2009.

RANK, Otto. 2013. *O duplo*. Edição e organização: Ana Maria Lisboa de Mello. Editora Dublinense. Porto Alegre, 2013

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998.